

MEGAEVENTOS ESPORTIVOS: PARA ALÉM DAS ANÁLISES ECONÔMICAS¹

César Teixeira Castilho²

Universidade Federal de Minas Gerais – Université de Paris-Sud
Belo Horizonte, MG, Brasil
Paris, França

RESUMO: Este artigo tem como objetivo principal debater e analisar o percurso das pesquisas realizadas sobre os possíveis impactos dos megaeventos esportivos, desde a década de 1980. Por via de regra, os estudos desses fenômenos têm sido centralizados nos aspectos econômicos e nas transformações urbanas tangíveis. Tais análises, no entanto, não levam em consideração aspectos sociais importantes relativos à população local, notadamente aos indivíduos em situação socioeconômica frágil. Paulatinamente, observamos um aumento substancial nas análises qualitativas e interdisciplinares no contexto dos eventos esportivos o que tem propiciado uma discussão ampla sobre os reais impactos dessas manifestações, sejam eles positivos ou negativos. Um entendimento mais amplo sobre estes efeitos – tanto no curto quanto no longo prazo – é primordial na construção de uma visão crítica das consequências engendradas no acolhimento de um evento mundial. Ademais, é necessário levar em consideração elementos regionais e locais uma vez que os impactos variam sobremaneira dependendo do local onde é organizado.

Palavras-chave: Megaeventos esportivos. Impactos sociais. População local.

SPORT MEGA EVENTS: BEYOND THE ECONOMIC ANALYSIS

ABSTRACT: The main objective of this article is to discuss and analyse the research conducted since the 1980s regarding the possible impacts of sports mega events. As a rule, studies of these phenomena have been focused on economic aspects and tangible urban transformations. These analyses, however, do not take into account important social aspects related to the local population, especially those in fragile socioeconomic situation. Gradually, we observe a substantial increase in qualitative and interdisciplinary analyses in the context of sporting events, which has led to a broad discussion about the real impacts of these manifestations, be they positive or negative. A broader understanding of these effects – both in the short and long term – is paramount in constructing a critical view of the consequences engendered in hosting a global

¹ Pesquisa financiada pela CAPES através do Programa de Doutorado Pleno no Exterior – Ciências Sem Fronteiras.

² Pós-doutorado em Estudos do Lazer (EEFFTO-UFMG), Doutor em *Sciences du Sport et du Mouvement Humain* pela *Université de Paris-Sud (Paris 11)*, Mestre em Estudos do Lazer (EFTO-UFMG). Vice-Líder do Grupo de Pesquisas LUCE (UFMG/CNPq).

event. In addition, it is necessary to take into account regional and local elements since impacts vary greatly depending on where it is organized.

Keywords: Sport mega events. Social impacts. Local population.

MEGA EVENTOS DEPORTIVOS: MÁS ALLÁ DEL ANÁLISIS ECONÓMICO

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo discutir y analizar el curso de la investigación llevada a cabo desde la década de 1980 con respecto a los posibles impactos de los mega eventos deportivos. Por regla general, los estudios sobre estos fenómenos se han centrado en los aspectos económicos y las transformaciones urbanas tangibles. Estos análisis, sin embargo, no tienen en cuenta los aspectos sociales importantes de la población local, los individuos en situación socioeconómica frágil. Poco a poco, se observó un aumento sustancial en la calidad y el análisis interdisciplinario en el contexto de los eventos deportivos que ha llevado a una amplia discusión sobre los impactos reales de estas manifestaciones, ya sean positivos o negativos. Una comprensión más amplia de estos efectos - tanto a corto como a largo plazo - es de suma importancia en la construcción de una visión crítica de las consecuencias generadas en la organización de un evento global. Por otra parte, es necesario tener en cuenta los elementos regionales y locales ya que los impactos variarán mucho dependiendo de donde se organiza.

Palabras-clave: Mega eventos deportivos. Impacto social. Población local.

Introdução

Inicialmente, agradeço o convite realizado pelos editores da Revista Brasileira de Estudos do Lazer (RBEL) para pensar e organizar o dossiê intitulado “Lazer e Megaeventos Esportivos”. Esses dois temas, e seus possíveis diálogos, são objetos recorrentes nas minhas pesquisas e, recentemente, fundiram-se na investigação que venho desenvolvendo no meu Pós-Doutorado em Estudos do Lazer na UFMG, em que proponho analisar a hospitalidade dos residentes na cidade-sede de Manaus, no contexto da Copa do Mundo de Futebol 2014.

Os megaeventos esportivos, em especial seus impactos sociais, podem e devem ser analisados na perspectiva dos estudos do lazer. Ao compreendermos o lazer como fenômeno intrínseco da cultura, as mudanças desencadeadas no dia-a-dia dos residentes locais, em virtude do acolhimento de um evento esportivo, tornam-se questionamentos plausíveis de análise uma vez que tais transformações alteram e afetam a vida dos cidadãos locais. Se por um lado podemos evidenciar um aumento das festividades, do sentimento de pertencimento e da prática esportiva no contexto de um megaevento, por outro lado, algumas situações degradantes como o aumento da criminalidade, da prostituição, de casos de expropriação, do uso de substâncias ilícitas, entre outros, também se fazem presentes. Neste sentido, compreender os diversos

efeitos e consequências que uma preparação de um evento esportivo pode acarretar é primordial para que análises críticas e pesquisas interdisciplinares sejam realizadas no campo dos estudos do lazer.

No contexto brasileiro, os estudos e as análises dos impactos dos grandes eventos esportivos ou megaeventos ganharam em importância desde a nomeação, em 2007, do país como sede da Copa do Mundo de Futebol FIFA 2014 (CM 2014) e, em 2009, para os Jogos Olímpicos de Verão 2016 (JO 2016). Doravante, pesquisadores nacionais e internacionais começaram a se interessar nos efeitos no curto, médio e longo prazo das principais intervenções realizadas nas regiões contempladas, com uma especial ênfase nos aspectos tangíveis (intervenções na infraestrutura). Normalmente, tais interpretações levam em consideração os quesitos econômicos em detrimento das questões sociais, diminuindo sobremaneira os possíveis questionamentos dos impactos sobre os habitantes locais em situação socioeconômica frágil no contexto dos megaeventos.

Desse modo, este artigo discorre sobre o percurso das pesquisas acadêmicas de origens diversas, realizadas em situações distintas, no que diz respeito aos eventos esportivos. Preliminarmente, discutiremos os impactos genéricos dos megaeventos e uma possível ênfase acadêmica nos efeitos econômicos e nas transformações tangíveis. Tal compreensão é perceptível notadamente nos estudos realizados entre as décadas de 1980 e 1990 o que, a grosso modo, não abrangia as mudanças no âmbito social, ambiental, político e turístico. Ao longo do tempo, percebemos uma mudança de paradigma meritória nesses estudos e uma maior inquietação com os aspectos intangíveis relacionados à tais manifestações. São estes elementos que serão tratados na segunda parte deste estudo, ao longo do qual, apresentaremos os impactos sociais positivos e negativos dos eventos esportivos segundo diversos autores. Uma melhor compreensão desses fenômenos torna-se essencial nas análises qualitativas e interdisciplinares dos megaeventos, contribuindo principalmente na construção de uma teoria crítica relativa ao real benefício desses eventos no que tange os residentes em situação socioeconômica frágil dos países e cidades-sede.

Diversidade dos impactos dos megaeventos esportivos: possíveis análises

Os grandes eventos esportivos ou megaeventos são considerados como importantes elementos para a economia local e sua organização pode ser benéfica em diversos aspectos quando analisamos as transformações ocorridas em países-sede e cidades-sede (LIM, 2013; PREUSS, 2007; ROCHE, 2000). Estes eventos possuem uma capacidade midiática internacional incomensurável, atraindo a atenção de turistas internacionais, tanto mais que o próprio setor turístico pode ser afetado e beneficiado pela sua presença (CHALIP; LEYNA, 2002; CHARRIER; JOURDAN, 2009).

Levando em consideração o número de países-sede ou cidades-sede que se

postulam para a organização dos megaeventos, o acolhimento de um evento esportivo poderia ser considerado como um “bom negócio” para o país ou cidade organizadora. Segundo Junod (2007), nove cidades-sede candidataram-se para a organização dos JO de 2012, enquanto sete cidades estavam na corrida pela disputa da organização dos JO de Inverno de 2014.

Para além de uma cobertura midiática internacional, diversos estudos (BARGET; GOUGUET; 2010; CHARRIER, 2009; CHARRIER; JOURDAN, 2009; WAITT, 2003) comprovam a diversidade dos impactos locais relacionados aos megaeventos esportivos. Dessa maneira, estes legados, quer sejam políticos (grande notoriedade local, construção de uma imagem positiva da região ou dos políticos locais, etc.), econômicos (produção e consumo de produtos, criação de novos postos de trabalho, etc.), sociais (coesão social, valorização do território e dos habitantes locais, formas de lazer, inserção de políticas públicas, etc.), esportivos (desenvolvimento esportivo, consolidação dos equipamentos esportivos, etc.) ou midiáticos (retransmissões locais, reportagens nacionais ou internacionais, etc.), são igualmente componentes importantes relacionados à atração desencadeada pela organização dessas manifestações esportivas (CHARRIER; JOURDAN, 2009).

Muito embora os megaeventos esportivos tenham uma extensa capacidade de transformação em função dos legados engendrados na sua organização, é preciso destacar que impactos prejudiciais (tais como prejuízos ambientais, gastos excessivos, corrupção e desvio de verbas, problemas com segurança, engarrafamentos, problemas relacionados à prostituição, expropriação forçada, etc.) também constituem os entornos de um megaevento esportivo o que, conseqüentemente, pode levar a perdas econômicas e sociais consideráveis para as localidades envolvidas (CASTILHO, 2016; GURSOY; KENDALL, 2006; OHMANN; JONES; WILKES, 2007). Não obstante, estes impactos negativos são normalmente negligenciados pelas autoridades responsáveis e políticos locais no intuito de não favorecer uma opinião pública desfavorável à organização dessas manifestações (KIM; PETRICK, 2005; ROJEK, 2013).

No entanto, mesmo quando verificado uma situação de contratempo ou desorganização, alguns países continuam buscando a aquisição desses megaeventos. Nesse aspecto, o caso da cidade-sede de Montreal persevera emblemática. Mesmo após o déficit recorde após a organização dos JO de 1976, a cidade canadense recebeu em 2005 o XI Campeonato Mundial de Esportes Aquáticos resultando em um novo saldo negativo de 3,5 milhões de dólares aos cofres públicos (JUNOD, 2007) Tais adversidades não desmotivaram o então prefeito de Montreal, Gérard Tremblay, que em seguida declarou:

“Tudo isso, no fim das contas, valeu a pena! Um déficit na ordem de 4 milhões de dólares canadenses não representa nem 0,1% da nossa receita anual, algo em torno de 4 bilhões. Esses eventos esportivos mundiais trazem uma visibilidade incomensurável para a cidade e devem ser considerados como uma vitrine para o

mondo. (JUNOD, 2007, p. 94)³

Outrossim, o então prefeito dessa cidade canadense não excluía a possibilidade de uma nova candidatura para futuros megaeventos esportivos, como foi o caso dos JO de 2016. Por tais aspectos, as consequências dos megaeventos são dependentes notadamente da capacidade da região no gerenciamento do conjunto de processos organizacionais que circundam a chegada de uma manifestação mundial, permitindo uma série de melhorias voltadas tanto para os territórios, quanto para a população local.

Essas temáticas diversas, conectadas com os diversos impactos dos megaeventos esportivos, vêm sendo debatidas gradativamente no mundo acadêmico desde meados dos anos 1980. Esses diferentes efeitos são normalmente analisados em diversos campos do conhecimento, de maneira interdisciplinar, envolvendo disciplinas como a Economia, a Geografia, a Sociologia, a História, a Psicologia, a Ciências Políticas, a Educação Física, entre outros (CASTILHO, 2016; GAFFNEY, 2015; PARENT, 2008; RITCHIE, 1984; RITCHIE; AITCKEN, 1985). Considerando a produção acadêmica sobre este tema, entre todos os impactos e legados possíveis, uma ênfase considerável tem sido os aspectos econômicos (BARGET; GOUGUET, 2010; GETZ, 2008; GURSOY; KIM; UYSAL, 2004; ROJEK, 2013). Tal afirmação, segundo Hall e Hodges (1996), não deve ser analisada como anódina pois, em tempos consumistas, é de se esperar que os fatores econômicos se sobressaiam frente aos possíveis impactos sociais, ambientais e políticos.

Não obstante, observamos uma nova tendência de análise a partir dos anos 1990, na qual esses legados econômicos começaram a ser questionados e criticados por certos economistas do esporte (ANDREFF, 1991; BALBUCK; MAES; BUELENS, 2011; BARGET; GOUGUET, 2010; CHARRIER; JOURDAN, 2009; MAENNING, 2007). Ademais, percebemos atualmente um consenso segundo o qual a obtenção de um apoio popular para a organização de tais manifestações não devem se ater somente no impacto de fatores econômicos. Nesse sentido, reconhecemos a importância de uma análise evidenciando o custo/benefício dos fatores sociais relacionados à população local. Tais análises são capitais para a ampliação dos estudos direcionados aos megaeventos esportivos.

Para além das vantagens econômicas vinculadas à superexposição midiática, a conjuntura da chegada de megaevento poderia também promover a regeneração de um território específico e sua consequente valorização social (HALL, 2004). Como resultado, tais modificações produziriam uma melhora na qualidade de vida dos habitantes, no seu conjunto, de forma que os aspectos sociais poderiam igualmente serem influenciados pelas festividades ao longo do evento (DECCIO; BALOGLU, 2002; GURSOY; KENDALL, 2006).

Nesse contexto, segundo Malfas, Theodoraki e Houlihan (2004, p. 212), a cidade

³ Entrevista concedida a uma rádio de Montreal no dia 31 de Julho de 2005.

de Barcelona é frequentemente citada como um exemplo de sucesso. A competição gerou um investimento público da ordem de 6,2 milhões de dólares possibilitando uma modernização e uma reestruturação da cidade e da província da Catalunha. A taxa de desemprego em Barcelona reduziu em relação ao resto da Espanha e aos outros países europeus, mesmo que Malfas Theodoraki e Houlihan (2004) tenham igualmente destacado outros aspectos desfavoráveis relativos aos JO de 1992. Para Brunet (1995), o exemplo de sucesso de Barcelona é inabitual e raro no contexto dos megaeventos esportivos. Segundo os estudos sobre a historiografia dos JO, somente os JO de 1964, sediado em Tóquio, teria gerado mais investimentos diretos que esses observados no caso de Barcelona. Entre as melhorias ressaltadas na cidade espanhola, a melhora na fluidez do tráfego de veículos, resultado da construção de novas vias, pode ser considerado como um dos legados de destaque (BRUNET, 1995). Ademais, o novo Parque Olímpico construído ao longo da região costeira engendrou melhorias habitacionais por meio de um projeto inédito. Brunet (1995, p. 24) também estima que os JO influenciaram diretamente a empregabilidade, criando 20.000 empregos permanentes o que, no médio prazo, serviu como um “tampão de proteção contra a crise econômica” que afetou grande parte da Europa no final dos anos 1980. Observamos, igualmente, que uma parcela da população pôde beneficiar-se dos novos equipamentos esportivos nos anos que sucederam o evento. O legado final dos JO de Barcelona 1992, não obstante, concentra-se sobre as transformações urbanas e econômicas da cidade. Mesmo quando analisamos a questão dos novos empregos, Brunet (1995) ressalta que a grande maioria desses cargos não teve uma durabilidade no longo termo e que os salários praticados eram inferiores à média implementada.

Isto posto, mesmo nos exemplos de sucesso, os impactos e legados econômicos foram os mais analisados e enfatizados pelos estudiosos. As considerações concernindo as transformações sociais são incipientes no contexto acadêmico. O bom acolhimento dessas manifestações esportivas pela população local é tanto mais fundamental que o sucesso de um megaevento esportivo atualmente acontece no exterior dos estádios, em particular nos bairros populares, ou nas festividades organizadas pelos habitantes ou municípios. Esses encontros festivos, tais como os que aconteceram nas edições da Copa do Mundo (CM) de 2002, no Japão e Coréia do Sul, e em 2006, na Alemanha, são compreendidos como legados sociais importantes nos estudos atuais. De acordo com uma pesquisa realizada na cidade de Munique durante a CM 2006, levando em consideração os aspectos sociais, Ohmann, Jones e Wilkes (2007) destacam a atmosfera geral do Mundial de Futebol, particularmente os encontros festivos em torno dos telões e dos bairros populares. Segundo a população local, esta característica foi essencial para que o evento pudesse ser considerado como um sucesso.

Usualmente, as cidades-sede querem aproveitar ao máximo da chegada de um megaevento. As melhorias aguardadas com a organização desses eventos podem suprir diversas modificações não realizadas no passado e que, por diversos motivos, não

puderam ser concretizadas. As benfeitorias oriundas de um megaevento exercem uma função “catalisadora de fundos”, permitindo concretizar um número significativo de projetos, tanto no quesito econômico, como social. Todavia, as prioridades devem ser estabelecidas desde o início do planejamento para que os proveitos englobem não somente os organizadores e as grandes empresas de construção⁴, mas também a população local por intermédio de implementações de políticas públicas prioritárias pelos governos responsáveis.

Os impactos sociais dos megaeventos esportivos: ampliando o olhar acadêmico

Após uma primeira descrição sobre os impactos gerais dos megaeventos esportivos, voltemos nossa atenção sobre a questão social e os debates acadêmicos atuais que circundam esta temática. Tal perspectiva visa uma aproximação com os legados relativos à população local, no curto e longo termo, destacando as transformações ocorridas nos países e cidades-sede. Embora tais intervenções possam transformar a qualidade de vida dos cidadãos, estes últimos são raramente convidados à participar dos processos de tomada de decisão durante a preparação dos megaeventos.

Foi somente nesta última década que um novo movimento acadêmico começou a alçar novos voos, questionando os legados econômicos, e analisando de maneira crítica os impactos sociais dos megaeventos (CHARRIER, 2009; CHARRIER; JOURDAN, 2009; GETZ, 2008; GURSOY; KENDALL, 2006), tendo como objetivo principal a análise das políticas públicas implementadas pelos responsáveis. Uma compreensão inteligível dos impactos e legados sociais voltados para os habitantes locais é pré-requisito para que os organizadores possam minimizar os problemas indesejáveis inerentes aos megaeventos (DELAMERE, 2001). Ademais, o entusiasmo e o apoio da população local a respeito da organização do evento proporciona uma influência direta para o seu sucesso e sua durabilidade (GETZ, 2008).

O apoio e a aprovação dos habitantes locais é suscetível a transmutar um megaevento em um festival urbano, ao passo que a resistência e a indiferença engendraria problemas relacionados ao prazo de execução das obras e, finalmente, ao fiasco total (GURSOY; KENDALL, 2006). Dessa maneira, Chalip (2006) indica que o impacto social de um megaevento deve ser levado à sério pelos organizadores implicados o que poderia alavancar os resultados positivos e duráveis em relação ao país-sede e, sobretudo, à população local.

Um número restrito, embora em expansão, de pesquisadores oriundos de diversos campos do conhecimento, vem propondo pesquisas de forma a explorar estes impactos sociais, no entanto, até o momento presente, um consensus ainda não existe

⁴ “Malgrado a crise econômica de 2008 e 2009, as cinco maiores empresas de construção sul-africanas se beneficiaram sobremaneira dos projetos de infraestrutura da CM de 2010 com lucros estimados de 100% entre 2005 e 2009 depois de terem sofrido perdas substanciais até o ano de 2004” (COTTLE; ROMBALDI, 2013, p. 68)

sobre sua definição. Olsen e Mervin (1977, p. 35), precursores do objeto, compreendiam os impactos sociais como “mudanças nas estruturas e no funcionamento dos modos de controle social que se produziam em conjunção com uma inovação ou transformações ambientais, tecnológicas ou sociais”. Mathieson e Wall (1982, p. 42) se referiam aos impactos sociais como “modificações na qualidade de vida dos residentes de destinos turísticos determinados”. Enquanto a primeira definição fornece simultaneamente uma descrição dos impactos sociais e as razões da sua presença em termos de influência ambiental, tecnológica e social, a última, nos mostra a relação entre as implicações sociais e o turismo, mas não consegue explicar porque estes impactos se produzem e como estas modificações na qualidade de vida podem ser alcançadas. Sem embargo, doravante, alguns pesquisadores (HALL, 1992; ROCHE, 2000) começaram a estudar estes impactos pelo viés do turismo.

Esta divergência é, em parte, retomada nos estudos de Hall (1992), que analisa os impactos sociais como a maneira pela qual o turismo e os diferentes modos de viagem perturbam um sistema de valor coletivo ou individual produzindo mudanças no comportamento, nas estruturas comunitárias, nos estilos de vida e na qualidade de vida. Teo (1994) e Sharpley (1999) destacam que os impactos sociais devem ser compreendidos como consequências no curto prazo concernindo a qualidade de vida de uma determinada comunidade visada pela indústria do turismo. Segundo estes autores, os impactos culturais, que englobam o efeito de demonstração, são mudanças no longo prazo das relações sociais, das normas e dos habitantes da comunidade dos países acolhedores. Essa ideia implica que os resultados culturais não são percebidos imediatamente e podem, dessa maneira, virem a ser percebidos em uma fase ulterior.

Ritchie (1984), Hall (1992) e Getz (2005) identificaram diferentes modalidades de impactos sociais logo após um evento determinado (QUADRO 1). Analisando estes estudos, é possível destacar algumas similitudes entre eles. Hall (1992) e Getz (2005), por exemplo, frisam o aumento no uso de substâncias ilícitas, nos crimes cometidos e na prostituição local, assim como uma maior frequência de brigas entre gangues. Ademais, estes pesquisadores ressaltam os diversos tipos de expropriação forçada dos habitantes, em especial aqueles em situação social frágil, desencadeando um sentimento social de desconforto entre a população. Segundo Getz (2005), outros aspectos negativos seriam a poluição sonora provocada pelas multidões nos arredores do evento. Sobre os impactos positivos, percebemos uma convergência dos estudos quanto aos efeitos que um acolhimento de um evento poderia desencadear no sentimento de pertencimento. Tal situação levaria a uma maior união entre as diferentes etnias de um país colaborando para a organização de festas populares em torno das manifestações. Para mais, Hall (1992) cita uma melhora na identidade nacional conectada à renovação urbana planificada.

Quadro 1: Impactos sociais dos eventos

AUTORES	IMPACTOS SOCIAIS POSITIVOS	IMPACTOS SOCIAIS NEGATIVOS
(HALL, 1992, p. 92)	<ul style="list-style-type: none"> - Experiência vivenciada em conjunto; - Revitalização das tradições locais; - Construção de um orgulho nacional; - Melhora da identidade nacional; - Melhora na participação dos habitantes locais em projetos coletivos; - Ampliação das perspectivas culturais; 	<ul style="list-style-type: none"> -Alienação; -Manipulação da comunidade; -Comportamento nocivo; -Abuso de substâncias ilícitas; -Expropriação social; -Piora no tráfico de veículos; -Poluição sonora; -Aumento da criminalidade e da prostituição;
(GETZ, 2005, p. 404)	n/d	<ul style="list-style-type: none"> -Poluição sonora; -Mudança social dos habitantes locais; -Expropriação e deslocamentos; -Aumento da criminalidade e da prostituição; -Abuso de substâncias ilícitas;
(RITCHIE, 1984, p. 7)	<ul style="list-style-type: none"> - Sentimento de orgulho nacional; - Revitalização das tradições locais; - Aumento na participação de programas esportivos e culturais; - Incentivo ao trabalho voluntário; - Incorporação de novos modelos sociais e formas culturais; 	n/d

Fonte: CASTILHO (2016)

Sobre os impactos estritamente esportivos, analisaremos os resultados dos estudos realizados por Higham (1999) e Fredline (2005). Na figura abaixo (QUADRO 2), apresentamos um resumo dos principais impactos elencados. De forma mais crítica, Higham (1999) não percebe nenhuma vantagem em relação aos megaeventos esportivos. Em revanche, Fredline (2005) destaca alguns impactos positivos, quando estes são analisados segundo certos critérios.

Quadro 2: Impactos sociais dos megaeventos esportivos

AUTORES	IMPACTOS SOCIAIS POSITIVOS	IMPACTOS SOCIAIS NEGATIVOS
(FREDLINE, 2005, p. 268)	<ul style="list-style-type: none"> - Sentimento de orgulho nacional; - Renovação na percepção do próprio indivíduo; - Divisão social com a comunidade e com a família; - Efeito sobre a prática esportiva e na melhoria da saúde em geral; 	<ul style="list-style-type: none"> - Delinquência urbana; - Delinquência dos torcedores; - Exacerbação do nacionalismo resultando em brigas entre torcidas; - Redução do bem-estar psicológico devido à perda do controle do ambiente local;
(HIGHAM, 1999, p. 85)	n/d	<ul style="list-style-type: none"> - Agrupamentos; - Aumento do tráfico de veículos; - Expropriação e deslocamentos ilegais; - Perturbação do modo de vida local; - Comportamento indevido dos torcedores; - Supressão dos direitos humanos dos

Fonte: CASTILHO (2016)

Quanto aos impactos negativos, ambos concordam que um megaevento esportivo pode provocar contratempos relevantes, tais como perturbação da vida cotidiana, aumento na circulação de veículos, intensificação dos casos de expropriação dos habitantes de baixa renda e tensão “intercultural” conectada ao sentimento de nacionalismo exacerbado (FREDLINE, 2005, p. 268). Getz (2005) ressalta os problemas relacionados ao aumento da criminalidade e da prostituição, ao passo que Fredline (2005) destaca a importância desses eventos como possibilidade de diversão, seja para os habitantes ou para os visitantes.

Um primeiro impacto que pode ser observado diz respeito ao sentimento produzido no seio de uma comunidade a partir do momento onde um certo número de pessoas se reúne na base de um objetivo comum. Roche (2000) descreve como os megaeventos podem propiciar mudanças locais extraordinárias por meio da partilha de uma excitação particular, tal como aconteceu na CM de 1998, na França, (CHOI, 1999) e, quatro anos mais tarde, no Japão e na Coreia do Sul (HORNE; MANZENREITER, 2004). Mais de 1,5 milhões de torcedores celebraram a vitória da equipe francesa na avenida *Champs-Élysées*, em Paris (CHOI, 1999). Na CM de 2002, a participação popular foi fortemente encorajada pelo governo e municípios locais na Coreia do Sul desencadeando a instalação de 2.021 telões em 1.868 localidades (KIM; GURSOY; LEE, 2006). Nesse mesmo megaevento, nasceu a ideia do que hoje conhecemos como *Fan Fest*, festividade organizada pela FIFA, que teve como inspiração as festividades espontâneas nos entornos dos telões nas cidades-sede da Coreia do Sul. Assim, na CM 2006, na Alemanha, a FIFA organiza suas festas institucionalizadas (*Fan Fests*) permitindo a participação massiva dos torcedores que não haviam conseguido adquirir ingressos para irem aos estádios. Esta iniciativa, além do benefício econômico para os organizadores, foi precursora no que tange o surgimento de um evento festivo sem precedentes agradando os habitantes e os visitantes estrangeiros (OHMANN; JONES; WILKES, 2007).

Para além dos impactos no curto prazo, tal como o sentimento de divisão coletiva, a qualidade de vida dos cidadãos pode igualmente ser influenciada no longo prazo devido às melhorias urbanas. Hall (2004) sugere que o conceito de modernização urbana compreende duas dimensões. A primeira estaria relacionada à renovação arquitetônica, produzindo uma nova imagem da cidade e, uma segunda, associada a uma perspectiva social, provocando uma melhora na qualidade de vida dos habitantes. Kelly (1989) se refere a este tema como um rejuvenescimento ou uma renovação das zonas urbanas no longo prazo. Segundo Hall (2004), esta transformação na qualidade de vida estaria associada a uma melhora na circulação de veículos, uma redução nos índices de poluição e um incentivo na prática esportiva. Mintel (2004), por exemplo, assinala a

expansão do metrô de Atenas em 17 Km e as 23 novas estações para o JO de 2004. Esta medida retirou cerca de 70.000 veículos do trânsito nos arredores das instalações olímpicas, diminuindo o congestionamento e a poluição atmosférica. Nesse mesmo aspecto, Ohmann, Jones e Wilkes (2007) ressaltam que 60% dos habitantes de Munique, na Alemanha, estimam que a organização de um megaevento conduziria a uma melhoria significativa dos níveis de infraestruturas locais.

Outro aspecto positivo relevante diz respeito à contribuição ou não da população local no processo de tomada de decisão do evento ou a participação ativa durante as festividades planejadas nesse contexto. Visto que, normalmente, os cidadãos locais e as associações civis são excluídas do processo de decisão, a única alternativa seria a criação de meios apropriados para que este envolvimento fosse efetivo ao menos durante a realização das competições. Segundo Charrier e Jourdan (2009), tal ação se concretizou, no contexto da CM de Rugby em 2007, na França, por meio de um dispositivo ambicioso, multidimensional (desenvolvido concomitantemente nos bairros, em associação com os estabelecimentos escolares, os clubes esportivos e os atores locais) e inscrito ao longo de todo o processo (os primeiro projetos foram lançados no início do ano de 2006). Além dos dispositivos apresentados, os organizadores disponibilizaram 2.000 ingressos aos habitantes (moradores, voluntários e jovens envolvidos nos projetos, etc.) para assistir os jogos em *Saint-Denis* (CHARRIER; JOURDAN, 2009, p. 48). Este exemplo revela a importância de um planejamento prévio para suscitar não somente o engajamento dos residentes locais mas, principalmente, criar meios pelos quais um legado social é possível.

Sob outra perspectiva, percebemos as análises dos impactos negativos relativos aos megaeventos esportivos, questão cara que vem sendo estudada nos últimos anos por diversos pesquisadores. Os chamados megaeventos são suscetíveis a serem o teatro de diversos tipos de atos de vandalismo: furtos, roubos, embriaguez, comportamento violento e confrontos (BARKER, 2004; HALL, 2004). Hall e Selwood (1989) identificaram uma relação estreita entre a organização da *America's Cup*⁵ de 1987 e o aumento da delinquência, ao passo que Hall (1992) resalta um aumento dos furtos, de agressões sexuais e de outros atos de vandalismo ao longo da competição. Embora esperássemos que tais ocorrências fossem acontecer nos locais de maior aglomeração, Barker e Meyer (2002) afirmam que este tipo de criminalidade é um fenômeno espacial implicando deslocamentos, ou seja, eles acontecem em locais onde a segurança se faz menos presente, tal como foi constatado na *America's Cup* em 2000, na cidade de Auckland. Consequentemente, estas atividades criminais são mais suscetíveis de ocorrerem em regiões afastadas das aglomerações como, por exemplo, em hotéis, bares, restaurantes e discotecas.

Atualmente, de maneira oposta, esta tendência concernindo o aumento da

⁵ A *America's Cup* é uma competição náutica internacional de barcos à vela, inicialmente concebida pelos seus organizadores como um desafio amigável e associado entre os diferentes clubes náuticos mundiais. A primeira versão foi realizada em 1857 pelos membros do Clube Náutico de Nova Iorque.

criminalidade parece estar se invertendo. Segundo estudos realizados nas Copas do Mundo na Alemanha, em 2006, e na África do Sul, em 2010 (MENEZES, 2010; OHMANN; JONES; WILKES, 2007) a maior parte dos habitantes locais disseram se sentir mais seguros durante o desenrolar de um megaevento do que em outros períodos. Similarmente, as estatísticas sobre o número de crimes cometidos ao longo de um evento esportivo demonstram uma tendência de diminuição. Tal constatação vai ao encontro dos relatórios publicados pela polícia da cidade de Quebec nos quais destacam-se uma quase ausência de desse tipo de crime por causa do aumento do policiamento e da segurança (BECKSTEIN, 2006). Esta inversão deve-se provavelmente ao aumento com os gastos relativos à segurança nesse contexto. Após os atentados de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos, “a questão sobre a segurança tornou-se prioridade pelas instituições responsáveis dos megaeventos esportivos” (ROJEK, 2013, p. 57). Segundo Graham (2013, p. 132) os JO de Londres, em 2012, “foram responsáveis pela contratação e mobilização de seguranças particulares, policiais e militares jamais visto no Reino Unido desde o final da Segunda Guerra Mundial, totalizando 49.000 efetivos.”

Os estudos sobre prostituição e megaeventos esportivos tem recebido pouca atenção até o momento presente (CASTILHO, 2016). Hall e Selwood (1989) identificaram um aumento significativo no número de garotas de programa provenientes da Ásia e da Austrália antes e durante a *America's Cup* de 1986, na cidade de Fremantle, o que pode ser atribuído ao aumento da demanda pelos visitantes. Embora o governo reconhecesse a presença desse tipo de situação, as leis e as regras locais foram reajustadas ao longo do evento, favorecendo práticas ilegais para responder de maneira satisfatória os usuários. Dessa maneira, diversas modificações são acordadas durante o evento, tais como: abertura de novas casas noturnas, mudança no horário de funcionamento, diminuição do controle e das regras locais, etc. Segundo Hall e Selwood (1989, p. 112), após a *America's Cup* de 1986, o governo local implementou diversas medidas com o intuito de coibir a incidência das chamadas “atividades ilegais” resultantes do evento. Anteriormente ao JO de 2004, diversos órgãos midiáticos (BBC, AFP) relataram os protestos ocorridos nos países da Europa do Norte, organizados principalmente pela Igreja Ortodoxa Grega, contra os propósitos publicados pelo então prefeito de Atenas a fim de aumentar o número de prostíbulos e casas noturnas na cidade. É preciso destacar que estes mesmos acontecimentos ocorreram ao longo da organização dos JO de Sidney, em 2000 (GEHRMAN, 2004).

Outros impactos sociais importantes são o nacionalismo exacerbado dos torcedores de diferentes origens e as tensões acarretadas por tal sentimento. Tais ocorrências podem ser provocadas a partir de um comportamento xenófobo, tanto contra os jogadores ou atletas adversários, quanto contra as torcidas rivais. Destacamos que, no que tange o mundo do futebol, em particular, as instituições responsáveis (FIFA, UEFA e outras confederações) implementaram políticas preventivas extremas visando a

punição das torcidas envolvidas nesses episódios. Pugmire (2006), por exemplo, descreve um conflito crescente entre grupos de Hooligans brancos e gangues rivais, compostas por membros de origem afrodescendente e árabes de bairros afastados da cidade de Paris, durante partidas de futebol na cidade. Similarmente, Lowles (2001) ressalta que a maioria dos Hooligans ingleses possui uma tendência em mostrar um comportamento agressivo nas viagens aos países estrangeiros para acompanhar suas equipes. O autor cita a agressão de três residentes afrodescendentes alemães pelos hooligans ingleses no caminho para o estádio na Polônia, no ano 2000, e a utilização de canções racistas visando insultar torcedores turcos e irlandeses no Campeonato Europeu de 2000.

Para além dos impactos discutidos anteriormente, as expropriações forçadas necessitam um lugar de destaque. Enquanto a renovação urbana foi ressaltada previamente em associação com a melhora da qualidade de vida dos habitantes, impactos sociais negativos também estão envolvidos neste processo. Wikinson (1994) evidencia que as obras de infraestrutura são de tal amplitude, que os casos de expropriação imposta são quase inevitáveis. Com efeito, neste âmbito, podemos destacar dois tipos de expropriação: aquele que se produz durante toda a preparação do evento por meio de uma expropriação imposta com combates judiciais, tal como aconteceu ao longo da CM 2010, na África do Sul (SWART; BOB, 2012) e nos JO de 2008, em Pequim (SHIN; LI, 2013). Já o segundo tipo, ocorre no final do evento, no longo prazo, causado principalmente pela rápida valorização imobiliária das regiões centrais. Normalmente, tais expropriações afetam as classes sociais menos favorecidas. Nos JO 2016, no Rio de Janeiro, diversas famílias que habitam a Zona Sul da cidade, área turística que sofreu grande interferência imobiliária, encontram-se nessa situação (CASTILHO, 2016).

Diversos outros exemplos confirmam este efeito perverso. No seu estudo sobre os impactos da Exposição Mundial de Vancouver em 1986 sobre os habitantes economicamente desfavorecidos das áreas centrais da cidade, Hall (2004), descreve os deslocamentos forçados dos habitantes no curto e longo prazo provocado principalmente pela alta aguda do preços dos aluguéis após as renovações urbanas. Do mesmo modo, nos JO de 1992, em Barcelona, Wilkinson (1994) sinala um aumento de 240% no preço dos aluguéis entre 1986 e 1992. O mesmo fenômeno foi ressaltado em Sidney logo que o COI anunciou a cidade de australiana como sede dos JO de 2000. Por conseguinte, o conceito de “gentrificação” tornou-se tão utilizado, para além das pesquisas acadêmicas, com o intuito de explicar a migração quase inevitável de milhares de pessoas em situação de fragilidade socioeconômica em direção às periferias. Por outro lado, as agências imobiliárias se enriquecem ao explorar tais características dos megaeventos.

Hall (1992, p. 70) refere-se às expropriações submetidas aos residentes da cidade de Seul durante a organização dos JO de 1998. Greene (2003) confirma essa proposição alguns anos ulteriores quando publica as conclusões da sua pesquisa realizada nesse contexto. No seu estudo, o autor destaca que aproximadamente 48.000

casas foram “retiradas” para que se liberasse espaço suficiente para a passagem da chama olímpica provocando a expulsão de 72.000 habitantes, dentre os quais 90% não receberam nenhuma indenização. No caso dos JO de Pequim, os organizadores vivenciaram uma situação extrema de desenvolvimento urbano no momento da chegada dos jogos. Diversas habitações foram destruídas em diferentes bairros da cidade para que os novos projetos arquitetônicos pudessem ser erguidos. Segundo Shin e Li (2013), entre 2000 e 2008, cerca de 1,5 milhões de residentes foram deslocados em vista dos JO. No entanto, de acordo com estes mesmos autores, esta estimativa deve ser bem superior já que os organismos responsáveis não levaram em conta os residentes temporários. No contexto dos JO de 2012, em Londres, observamos igualmente inúmeros casos de evicção relacionados às melhorias urbanas nos bairros submetidos às grandes reformas (KENNELLY, 2016).

Outro aspecto relacionado ao deslocamento dos residentes é discutido pelos pesquisadores Mules e Dwyer (2005). Eles sugerem que, de uma maneira geral, uma parte dos habitantes locais das cidades-sede se sentem menos inclinados a participar das festividades relacionadas aos eventos em razão da chegada massiva de visitantes. Assim, restaurantes, transportes públicos, praças, centros, entre outros, ficam impraticáveis ao longo dos megaeventos. Tal situação, segundo o autor, faz com que certos habitantes abandonem as cidades-sede, seja durante as competições, seja para sempre. Nessa mesma direção, Shaw e Williams (2002, p. 269) questionam as reais vantagens relacionadas à “venda de áreas urbanas”, ou seja, a transformação, sem limites, de cidades-sede em cidades turísticas. Esta equação é um dos grandes dilemas na organização de um megaevento: os responsáveis precisam alimentar a indústria turística da região, ao mesmo tempo que melhorias na qualidade de vida dos habitantes precisam ser implementadas.

Desse modo, os megaeventos esportivos são dotados de um grande potencial de transformação, tanto no que concerne os impactos positivos, quanto no que se refere aos impactos negativos. Estes impactos, no entanto, não deveriam ser considerados como um conjunto genérico de resultados de todos os eventos esportivos. Barker (2004) indica que os impactos variam segundo a natureza, a amplitude, o local e a duração do evento. Ademais, todos os aspectos relacionados aos países ou cidades-sede são igualmente capitais, tais como: sua história, sua economia, sua cultura, sua relação com o mundo, seu meio ambiente, entre outros. Sobre este assunto, encontramos diversos estudos empíricos na literatura acadêmica. Sheldon e Var (1984); Brunt e Courtney (1999), por exemplo, realizaram um estudo sobre as atitudes dos habitantes relacionado ao desenvolvimento turístico em destinos selecionados previamente. Os pesquisadores determinaram que os residentes mais antigos são mais propícios a apresentarem uma sensibilidade maior, quando expostos ao desenvolvimento econômico e turístico da região, quando comparados com os habitantes mais recentes.

Considerações Finais

Para concluir, é evidente que um certo número de impactos sociais, tanto positivos, quanto negativos, estão diretamente relacionados ao simples fato de receber um megaevento. Seguramente, existem impactos que são intrínsecos ao tipo de evento, no entanto, diversos outros impactos estão associados às características sociais, econômicas, culturais e políticas dos países organizadores. É por causa disso que, até o momento presente, nos parece impossível de desenvolver um modelo teórico único para explicar os fenômenos relacionados aos impactos sociais. Para que possamos compreender tais transformações, é preciso, primeiramente, analisar a relação entre o evento e as particularidades do país ou cidade-sede para, posteriormente, realizar qualquer tipo de análise comparativa. Ao contemplarmos estes procedimentos, seremos capazes de explicar os elementos regionais e locais contextualizando-os dentro de uma perspectiva global e geopolítica.

Assim, a implementação de um estudo de campo em três momentos distintos – antes, durante e após – no que tange o evento esportivo pesquisado, pode enriquecer e revelar questões cruciais para uma melhor compreensão dos impactos e legados no médio e longo prazo. Como as questões sociais são elencadas nos dossiês de candidaturas? Porque tais aspectos são tratados nesse momento e não são avaliados uma vez que o evento é finalizado? De que forma as instituições organizadoras – FIFA e COI – abordam os aspectos sociais e quais os critérios utilizados para avaliá-los? Tais elementos não deveriam ser priorizados no momento em que países e cidades-sede com índices de desigualdade social extremos vêm sendo escolhidos para organizar megaeventos esportivos? Estas indagações são exemplos de questões que podem fomentar a realização de pesquisas interdisciplinares, de forma que a atual apropriação dos megaeventos esportivos e de lazer possa ser questionada. Tanto a atual tendência em organizar tais iniciativas em países em vias de desenvolvimento, quanto a utilização dos aspectos sociais como forma de potencializar as candidaturas, nos revelam um pouco dos bastidores dos interesses neoliberais dos eventos esportivos e de lazer mas, igualmente, instiga os olhares críticos dos pesquisadores sociais.

REFERÊNCIAS

ANDREFF, Vladimir. Les inégalités entre disciplines sportives: une approche économique. POCIELLO, Christian (Org.). **Sport et Société: approche socio-culturelle des pratiques**. Paris: Vigot, 1991. p.377-394.

BALBUCK, A. L., M. MAES; BUELENS, M. The social impact of the tour de France: comparisons of residents' pre-and post-event perceptions. **European Sport Management Quartely**, 2011. p. 91-113.

BARGET, E.; GOUGUET, J. J. L'accueil des grands événements sportifs: quel impact économique ou quelle utilité sociale pour les régions ? : l'exemple de la Coupe du monde de Rugby 2007 en France. **Région et Développement**, p. 93-117, 2010.

BARKER, M. Crime and sport events tourism: the 1999-2000 America's Cup. In: RITCHIE, B.; ADAIR, D. **Sport tourism: interrelationships, impacts and issues**. Clevedon: Channel View Publications, 2004. p. 174-191.

BARKER, M., S. P.; MEYER, D. Evaluating the impact of the 2000 Amrica's Cup on Auckland, New Zealand. **Event Management**, p. 79-92, 2002.

BECKSTEIN, A. **Security concepts stood the teste excellently**. Quebec, 2006.

BRUNET, F. An economic analysis of the Barcelona' 92 Olympic Games: resources, financing and impact. **Centre d'Estudis Olímpics i de l'Esport, Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona**, 1995.

BRUNT, P.; COURTNEY, P. Host perceptions of sociocultural impacts. **Annals of Tourism Reserach**, p. 229-248, 1999.

CASTILHO, César Teixeira. **Politiques Publiques et Coupe du monde de football 2014 au Brésil : des espoirs aux héritages locaux**. PhD diss., University of Paris-Sud, 2016.

CHALIP, L.; LEYNA, A. Local business leveraging of a sport event: managing an event for economic benefit. **Journal of Sport Management**, p. 132-158, 2002.

CHALIP, L. Towards social leverage of sport events. **Journal of Sport & Tourism**, p. 109-127, 2006.

CHARRIER, Dominique; JOURDAN, Jean. L'impact touristique local des grands événements sportifs: une approche qualitative de la Coupe du monde de Rugby en Île-de-France. **Tourisme, sport et développement**, p.. 45-54, 2009.

CHARRIER, Dominique. L'impact médiatique de la Coupe du monde de rugby 2007: éléments théoriques et méthodologiques. **Les Cahiers du Journalisme**, p. 40-50, 2009.

CHOI, S. Benefiting from mega-events: Olympics 2000, World Cup 2002 and 2005 World Exposition. **Journal of Sport Tourism**, 1999.

COTTLE, E.; ROMBALDI, M. Les leçons du Mondial en Afrique du Sud, le Brésil et l'héritage des syndicats. **La Coupe est pleine! Les désastres économiques et sociaux des grands événements sportifs**. Genève: PubliCetim, 2013. p. 62-95.

DECCIO, C.; BALOGLU, S. Nonhost community resident reactions to the 2002 winter Olympics: the spillover impacts. **Journal of travel research**, p. 46-56, 2002.

DELAMERE, T. A. Development of a Scale to Measure Resident Attitudes Toward the Social impacts of Community Festivals, Part II. Verification of the Scale. **Event Management**, p. 25-38, 2001.

FREDLINE, E. Host and guest relations and sport tourism. **Sport, Culture and Society**, p. 263-279, 2005.

GAFFNEY, Christopher. Arenas de conflito: os processos conflituosos durante a preparação para a Copa do Mundo no Brasil. In: JUNIOR, Orlando Alves; GAFFNEY, Christopher Gaffney; RIBEIRO, Luiz Cesar. (Org.). **Brasil: os impactos da Copa do Mundo 2014 e das Olimpíadas 2016**. Rio de Janeiro: Observatório das Metrôpoles, 2015. p. 185-202.

GEHRMAN, C. The unfairness behind the Olympic Games fairplay. **Newropeans Magazine**, 2004.

GETZ, D. **Festivals, special events and tourism**. New York: Van Nostrand, 2005.

GETZ, D. Event tourism: definition, evolution and research. **Tourism management**, p. 403-428, 2008.

GRAHAM, S. La sécurité des Jeux olympiques 2012: bienvenue dans un Londres verrouillé. In: DUCHATEL, J. (Org.). **La Coupe est pleine! Les désastres économiques et sociaux des grands événements sportifs**. Genève: PubliCetim, 2013. p. 130-140.

GREENE, S. J. Staged cities: Mega-events, slum clearance, and global capital. **Yale Human Right and Development Law Journal**, p. 161-187, 2003.

GURSOY, D.; KENDALL, K. Hosting mega-events: modeling local's support. **Annals of Tourism Research**, p. 603-623, 2006.

GURSOY, D., KIM, K.; UYSAL, M. Perceived impacts of festivals and special events by organizers: an extension and validation. **Tourism Management**, p. 171-181, 2004.

HALL, C.; SELWOOD, H. America's Cup lost, paradise retained? In: SYME, G. *et al.* (Org.). **The planning and evaluation of hallmark events**. Avebury: Aldershot, 1989.

HALL, C.; J. HODGES, J. The party's great, but what about the hangover? The housing and social impacts of mega-events with special reference to the 2000 Sydney Olympics. **Festival Management and Event Tourism**, 1996. p. 13-20.

HALL, M. Adventure, sport and health tourism. In: WEILER, B.; HALL, M. (Org.). **Special interest tourism**. London: Belhaven, 1992. p. 141-158.

HALL, M. Sport tourism and urban regeneration. In: RITCHIE, B.; ADAIR, D. (Org.). **Sport tourism: interrelationships, impacts and issues**. Clevedon: Channelview Publications, 2004. p. 192-206.

HIGHAM, J. Sport as an avenue of tourism development: an analysis of the positive and negative impacts of sport tourism. **Current Issues in Tourism**, p. 82-90, 1999.

HORNE, W.; MANZENREITER, J. Global governance in world sport and the 2002 World Cup Korea/Japan. In: HORNE, W.; MANZENREITER, J. (Org.). **Football goes East-business, culture and the people's game in China, Japan and Korea**. Oxon: Routledge, 2004. p. 317-332.

JUNOD, T. Grands événements sportifs: des impacts multiples. **Finance et Bien Commun**, p. 92-98, 2007.

KELLY, I. The architecture and town planning associated with hallmark event. In: SYME, G.; FENTON, D.; MUELLER, W. (Org.). **The planning and evaluation of hallmark events**. Aldershot: Avebury, 1989. p. 102-112.

KENNELLY, Jacqueline. **Olympic Games, Social Legacies, and Urban Exclusion: Marginalized Youth in Olympic Cities**. London: Routledge, 2016.

KIM, H.; GURSOY, D.; LEE, S. The impact of the 2002 World Cup on South Korea: comparisons of pre-and post games. **Tourism Management**, p. 86-96, 2006.

KIM, S.; PETRICK, J. Resident's perceptions on impacts of the FIFA 2002 World Cup: the case of Seoul as a host city. **Tourism Management**, p. 25-38, 2005.

LIM, Yeqiang. A Critical Review of Social Impacts of Mega-Events. **The International Journal of Sport and Society**, p. 57-64, 2013.

LOWLES, N. Far out with the far right. In: BARCLAY, P., *et al.* (Org.). **Hooligan wars-causes and effects of football violence**. Edinburgh: Mainstream Publishing Company, 2001. p. 108-121.

MAENNING, W. World Cup 2010: South African economic perspectives and policy challenges informed by the experience of Germany 2006. **Contemporary Economic Policy**, p. 578-590, 2007.

MALFAS, M.; THEODORAKI, E.; HOULIHAN, B. Impacts of the Olympics Games as mega-events. **Municipal Engineer 157 (ME3)**, 2004. p. 209-220.

MATHIESON, A.; Wall, G. **Tourism: economic, physical and social impacts**. London: Longman, 1982.

MENEZES, M. G. **Considerations on the Economic Impact of the 2010 FIFA World Cup on South Africa**. Thesis Submitted in Fulfilment of the Requirements for the Degree of Master Economics, 2010.

MINTEL, M. Sport, tourism-international. **Travel & Tourism Analyst**, p. 17-26, 2004.

MULES, T.; DWYER, L. Public sector support for sport tourism events: the role of cost-benefit analysis. **Sport, culture and society**, p. 338-355, 2005.

OHMANN, S.; JONES, I.; WILKES, K. The perceived social impacts of the 2006 football World Cup on Munich resident's. **Journal of Sport & Tourism**, p. 129-152, 2007.

OLSEN, M.; MERVIN, D. Towards a methodology of conducting social impacts assesments using quality of life indicators. In: FINSTERBUSH, K.; WOLF, C. (Org.). **Methology of social impact assessment**. Pennsylvania: Dowden, Hutchinson & Ross, 1977.

PARENT, M. Evolution and issue patters for major-sport-event organizing committees and their stakeholders. **Journal of Spor Management**, p. 135-164, 2008.

PREUSS, Holger. The conceptualisation and measurement of Mega Sport Event Legacies. **Journal of Sport & Tourism**, p. 207-227, 2007.

PUGMIRE, J. **Soccer bigots worsen racism in France**. ABC News, 2006.

RITCHIE, J. Assessing the impact of hallmark events: conceptual and reserach issues. **Journal of travel research**, p. 2-11, 1984.

RITCHIE, J.; AITCKEN, C. Olympulse II: evolving resident attitudes toward the 1998 Olympic Winter Games. **Journal of travel reserach**, p. 28-34, 1985.

ROCHE, M. **Mega-events and Modernity**. London: Routledge, 2000.

ROJEK, Chris. **Event Power: how global events manage and manipulate**. London: Sage, 2013.

SHARPLEY, R. **Tourism, Tourists and Society**. Huntingdon: Elm Publications, 1999.

SHAW, G.; WILLIAMS, A. **Critical issues in tourism: a geographical perspective**. Oxford: Blackwell, 2002.

SHELDON, P.; VAR, T. Resident attitudes to tourism in North Wales. **Tourism Managements**, 1984.

SHIN, Hyun Bang; LI, Bingqin. Whose games? The costs of being "Olympic citizens" in Beijing. **Environment & Urbanization**, v. 25, n. 2, p. 1-18, 2013.

SWART, Kamilla; BOB, Urmilla. Mega sport event legacies and the 2010 FIFA World Cup. **African Journal for Physical, Health Education, Recreation and Dance**, p.1-11, 2012.

TEO, P. Changes in host community reactions to a special sporting event. **Current Issues in Tourism**, p. 242-261, 1994.

WAITT, G. Social impacts of the Sidney Olympics. **Annals of Tourism Research**, p. 194-215, 2003.

WILKINSON, J. **Olympic games: past history and present expectations**. Sydney: NSW Parliamentary Library, 1994.

Endereço para correspondência

Rua Santo Antônio do Monte, 579, ap. 302 – Santo Antônio – Belo Horizonte – MG.

Recebido em:

05/11/2016

Aprovado em:

14/11/2016